

Dulcício – peça teatral da Idade Média

nota introdutória e tradução: Jean Lauand

Apresentamos, a seguir, a peça *Dulcício*¹ de Rosvita de Gandersheim (c. 935 - c.1000).

Rosvita, como se sabe, é figura de extraordinária importância para a história do teatro: é a responsável - após séculos de ausência - pelo restabelecimento da composição teatral no Ocidente.

No mosteiro beneditino de Gandersheim - na época, importante centro cultural, onde havia monjas de cultura esplendorosa - Rosvita, após um hiato de séculos, reinventa o teatro. E compõe seis peças, seis dramas, dos quais, um dos mais interessantes é precisamente o *Dulcitus*.

Alhures, apresentando outra peça de Rosvita², discutimos alguns preconceitos anti-medievais, procurando mostrar o caráter popular da cultura da época e o importante papel representado por mulheres como Rosvita.

Também no *Dulcício*, os papéis ridículos e grotescos estão reservados aos homens; enquanto as personagens femininas são as heroínas, cheias de força e determinação.

Tal como em outras peças, Rosvita exalta seus ideais religiosos numa composição de encantadora ingenuidade: na concepção do enredo (inspirado nas *Atas dos Mártires*), nas soluções da trama, e - em consonância com o gosto popular - na nítida polarização dos personagens: o bem é bem e o mal é mal, não faltando sequer a diferenciação cromática: tal como nos antigos filmes de “mocinho”, os bons vestem-se de branco e o “bandido” (*Dulcício*), acaba revestido do negrume da fuligem.

Se Rosvita recria o teatro, no *Dulcitus* ela introduz a comédia, com a hilariante seqüência das cenas IV a VII: a grotesca cena de *Dulcício* com as panelas³, as moças espiando pelas frestas, o sono e o ronco do governador, sua mulher tomando-lhe as dores etc.

Pode-se empreender também uma interpretação alegórica - sempre tão presente na Idade Média e também em Rosvita⁴: a noite, a dispensa, as panelas, a fuligem, o próprio *Dulcício* são projeções simbólicas do Inferno e do demônio. Nessa linha interpretativa, o imperador Diocleciano, *Dulcício* e Sisínio representam respectivamente os clássicos inimigos do cristão: o mundo, o demônio e a carne;

¹. O original encontra-se em *PL* 137, 993-1002. Autores diversos grafam de modos variados o nome Rosvita: Rosvita, Hrotsvitha, Hrotsvita, Roswitha etc.

². No estudo introdutório à peça “Sabedoria” em *Educação, Teatro e Matemática Medievais*, 2a. edição, São Paulo, Edusp-Perspectiva, 1990.

³. Certamente, surpreende o leitor de hoje que uma mulher, uma religiosa medieval, numa composição devota, para ser encenada no mosteiro, inclua uma cena escabrosa como essa.

⁴. Como faz S. Sticca “Hrotsvitha's 'Dulcitus' and Christian Symbolism” *Mediaeval Studies* 32 (1970), pp. 108-127, cit. por Ferruccio Bertini *Il teatro di Rosvita*, Genova, Tilgher, 1979, p.62.

epicamente vencidos pelas virtudes (simbolizadas nos nomes das virgens mártires) da caridade (Ágape), pureza (Quiônia - nívea) e da paz (Irene).



Dulcício

Rosvita de Gandersheim

Resumo do enredo

Martírio das santas virgens Ágape, Quiônia e Irene. Na calada da noite, o governador Dulcício aproximou-se secretamente do lugar em que elas estavam encarceradas, ardendo em desejos de abraçá-las. Mas, acometido de súbita demência, enganou-se e começou a abraçar e beijar panelas e caldeirões de cozinha, tomando-os pelas moças, até que ficou com o rosto e as vestes impregnados de um horrível negrume. Depois, foram entregues a Sisínio, para que as torturasse, mas ele também foi, milagrosamente enganado. Por fim, Ágape e Quiônia foram queimadas e Irene trespassada por uma flecha.

CENA I

DIOCLECIANO

A nobreza de tua família, a distinção de tua estirpe e o fulgor de tua beleza impõem que tu te cases com um dos principais de minha corte. E isto se fará, de acordo com minhas ordens, se negares a Cristo e ofereceres sacrifícios a nossos deuses.

ÁGAPE

Não te preocupes nem te incomodes em preparar nossas bodas, pois não podemos ser coagidas a negar a Cristo nem a abdicar de nossa virgindade.

DIOCLECIANO

De que espécie de loucura estais possuídas?

ÁGAPE

Loucura? Podias nos indicar algum sinal dessa nossa “loucura”?

DIOCLECIANO

Há sinais enormes e evidentes.

ÁGAPE

Quais?

DIOCLECIANO

Principalmente nisto: abandonastes a observância da antiga religião e seguis a vã novidade da superstição cristã.

ÁGAPE

Cuidado, que estás ofendendo a majestade do Deus Onipotente. É perigoso, hein?

DIOCLECIANO

Perigoso para quem?

ÁGAPE

Para ti e para o império que governas.

DIOCLECIANO

Ela está completamente doida. Levem-na daqui!

QUIÔNIA

Minha irmã não está doida; simplesmente ela repreende a tua imbecilidade.

DIOCLECIANO

Esta é louca furiosa: removi-a de nossa presença e examinemos a terceira.

IRENE

Verificarás que “a terceira” é também rebelde e opor-te-á resistência.

DIOCLECIANO

Irene, já que és a menor em idade, sê a maior em dignidade.

IRENE

Indica-me, então, eu te rogo, o que devo fazer?

DIOCLECIANO

Faze uma reverência aos deuses e, dando exemplo a tuas irmãs, serás a causa da libertação delas.

IRENE

Que cultue os ídolos quem queira incorrer na ira do Altíssimo. Quanto a mim, não desonrarei minha cabeça, que foi ungida com o azeite de sagração de realeza, curvando-me aos pés de imagens.

DIOCLECIANO

O culto aos deuses não traz desonra, mas grande honra.

IRENE

Que desonra será maior, que baixaza será mais abjeta do que venerar servos como se fossem senhores?

DIOCLECIANO

Não te estou indicando que veneres servos, mas os deuses dos príncipes e dos poderosos.

IRENE

Acaso não são servos estes que são comprados por dinheiro aos artífices que os põem à venda?

DIOCLECIANO

Olha que esta tua arrogância vai passar, com torturas...

IRENE

É isto o que desejamos e esperamos: poder sofrer pelo amor de Cristo.

DIOCLECIANO

Levai daqui estas insolentes, que teimam em contrariar nossas ordens. Sejam trancafiadas na prisão até o interrogatório do governador Dulcício.

CENA II

DULCÍCIO

Trazei, soldados, as prisioneiras.

SOLDADOS

Aqui estão, senhor.

DULCÍCIO

Uau! Que lindas, que graciosas, que admiráveis garotas!

SOLDADOS

Sim, são um espetáculo!

DULCÍCIO

Estou cativado pela beleza delas.

SOLDADOS

E não é para menos, senhor.

DULCÍCIO

Anseio por atraí-las a meu amor.

SOLDADOS

Isto o senhor não vai conseguir.

DULCÍCIO

Por quê?

SOLDADOS

Porque elas são firmes na fé.

DULCÍCIO

E se eu tentar persuadi-las com palavras doces?

SOLDADOS

Elas vos desprezarão e não cederão.

DULCÍCIO

E se as aterrorizo com torturas?

SOLDADOS

Também não dará certo.

DULCÍCIO

Que fazer, então?

SOLDADOS

Pensai cuidadosamente, senhor.

DULCÍCIO

Ponde-as, sob guarda, na dispensa, ao lado da cozinha.

SOLDADOS

Por que na dispensa?

DULCÍCIO

Para que eu possa vê-las quando bem me aprouver.

SOLDADOS

O senhor é quem manda.

CENA III

DULCÍCIO

Que é que estão fazendo nossas prisioneiras a esta hora da noite?

SOLDADOS

Entoam hinos, senhor.

DULCÍCIO

Vamos dar uma olhada lá.

SOLDADOS

Ouvimos muito bem suas vozes de longe.

DULCÍCIO

Ficai aqui com tochas. Eu vou entrar e satisfazer meu desejo de afagá-las.

SOLDADOS

Esperaremos aqui, senhor.

CENA IV

ÁGAPE

Que barulho é este lá fora?

IRENE

É aquele desgraçado do Dulcício que está entrando.

QUIÔNIA

Que Deus nos proteja!

ÁGAPE

Amém.

QUIÔNIA

O que é este barulho de panelas, frigideiras e caldeirões?

IRENE

Eu vou verificar. Venham, venham, olhem aqui pelas frestas.

ÁGAPE

O quê?

IRENE

Ha, ha! Vejam, o idiota enlouqueceu e está abraçando as panelas, pensando que somos nós!

ÁGAPE

O que ele está fazendo?

IRENE

Agora ele abraça e acaricia caldeirões e frigideiras e dá doces beijos nas panelas.

QUIÔNIA

Ridículo!

IRENE

Ele ficou com a cara, a mão e a roupa tão completamente sujas, tão imundas, que o negrume parece ser-lhe inerente: mais parece um etíope.

ÁGAPE

É, um corpo assim combina com a mente, possuída pelo diabo, que ele tem.

IRENE

Ei, vejam! Ele está saindo. Vamos ver como é que os soldados, lá fora, vão recebê-lo, estando ele desse jeito.

CENA V

SOLDADOS

Ei, quem é que está saindo? É um demônio. Não, é o diabo em pessoa. Fugamos!

DULCÍCIO

Soldados, por que fugis? Voltai. Conduzi-me com as tochas até meus aposentos.

SOLDADOS

Essa voz é a do nosso senhor, mas o aspecto é do diabo. É melhor fugir antes que o mau espírito nos pegue!

DULCÍCIO

Vou para o palácio dar queixa à corte dos insultos que recebi.

CENA VI

DULCÍCIO

Guardas, deixai-me entrar no palácio, tenho uma audiência com o Imperador.

GUARDAS

Quem é este monstro vil e horripilante, coberto de imundos e desprezíveis farrapos? Vamos dar-lhe uma bela surra e arremessá-lo escada abaixo: aqui ele não entra de jeito nenhum!

DULCÍCIO

Ai, ai, o que está acontecendo? Acaso não estou vestido com indumentária finíssima? E não estou limpo e com excelente aspecto? Por que, então, todo mundo me olha com abominação, como se eu fosse um monstro? Vou voltar para minha mulher para que ela me diga o que está acontecendo. Ei! É ela que está vindo aí, com o cabelo todo desgrenhado e acompanhada de todos os de minha casa, chorando e lamentando-se.

CENA VII

ESPOSA

Ai, ai, ai, que aconteceu com meu Dulcício? Você ficou louco? Você foi objeto de riso daquelas cristãs!

DULCÍCIO

Ah, já sei: foi por feitiço delas que passei este ridículo.

ESPOSA

O que mais me deixa perplexa e aborrecida é que você não tinha a menor idéia do que estava acontecendo.

DULCÍCIO

Mas isto não fica assim. Agora será a vez delas sofrerem o ridículo e a humilhação. Ordeno que essas insolentes moças sejam publicamente despedidas de suas roupas.

CENA VIII

SOLDADOS

Em vão nos esfalfamos, não tem jeito! A roupa dessas moças é como se fosse uma pele. E o governador que dizia que este assunto era tão importante e urgente está roncando em sua cadeira, com um sono tão pesado que ninguém consegue acordá-lo. Vamos ao imperador informar a ocorrência.

CENA IX

DIOCLECIANO

É muito aborrecido saber que o governador Dulcício foi tão ridicularizado, tão insultado e tão caluniado. Mas, isto não fica assim: essas ignóbeis mulherzinhas não vão ficar se vangloriando de terem feito troça de nossos deuses e daqueles que os cultuam. Que o comissário Sisínio se encarregue da vingança.

CENA X

SISÍNIO

Ó soldados, onde estão aquelas moças insolentes que devem ser torturadas?

SOLDADOS

No cárcere, senhor.

SISÍNIO

Deixai Irene lá e trazei-me as outras.

SOLDADOS

Por que a diferença?

SISÍNIO

Estou poupando-a por sua pouca idade: pode ser mais facilmente persuadida se não se sentir intimidada pela presença das irmãs.

SOLDADOS

Tendes razão, senhor!

CENA XI

SOLDADOS

Pronto, senhor, aqui estão as prisioneiras.

SISÍNIO

Prestai atenção, Ágape e Quiônia, ao que vou dizer e sigai meus conselhos.

ÁGAPE

Que conselhos?

SISÍNIO

Fazei oferendas aos deuses!

QUIÔNIA

Oferecemos, sem interrupção, um sacrifício de louvor ao verdadeiro e eterno Pai, a seu igualmente eterno Filho e ao Espírito Santo, que de ambos procede.

SISÍNIO

Isto não só não aconselho, mas proíbo.

ÁGAPE

Não podes proibir. Nunca sacrificaremos aos demônios.

SISÍNIO

Deixai essa dureza de coração e sacrificai. Senão, terei de condenar-vos à morte: são ordens do Imperador Diocleciano.

QUIÔNIA

É razoável que seja assim. Tu obedeces as ordens de teu imperador, cujos decretos nós desprezamos. É melhor não demorares, pensando em nos poupar, porque então é justo que tu sejas condenado à morte por ele.

SISÍNIO

Soldados, sem demora, levai estas blasfemas e lançai-as vivas nas chamas ardentes.

SOLDADOS

Armamos imediatamente a fogueira, senhor, e nela lançamos estas blasfemas para acabar com tantos insultos!

ÁGAPE

Senhor, sabemos que para Teu poder, não é inusitado que o fogo esqueça a sua natureza. Mas, por favor, deixa-o agir, pois aborrece-nos a espera de nosso espírito ir para Ti e cantar o Teu louvor no céu, sem os vínculos deste corpo terreno.

SOLDADOS

Que milagre espantoso! Olhem! As almas estão saindo e não há, nos corpos delas, o menor sinal de ferimento: seus cabelos não se queimam, nem suas roupas e nem seus corpos.

SISÍNIO

Trazei Irene.

SOLDADOS

Sim, senhor.

CENA XII

SISÍNIO

Teme, Irene, o exemplo da morte de tuas tolas irmãs. Não vás acabar como elas.



IRENE

O que eu quero é seguir o exemplo delas, morrendo para gozar da alegria eterna.

SISÍNIO

Cede, cede a meus conselhos.

IRENE

Nunca cederei a iníquos conselhos.

SISÍNIO

Se não cederes, não te darei uma morte rápida, mas multiplicarei, por longo tempo, teus sofrimentos.

IRENE

Quanto mais cruel for a tortura, tanto mais alta a glória que Deus me concederá.

SISÍNIO

Não temes as torturas, hein? Tudo bem, mas posso ordenar algo que vai te aterrorizar...

IRENE

Qualquer provação a que me submeteres, eu a superarei com a ajuda de Cristo.

SISÍNIO

Serás levada ao bordel, onde teu corpo será vergonhosamente ultrajado.

IRENE

Melhor o corpo agredido do que a alma manchada com idolatria.

SISÍNIO

E quando estiveres conspurcada na companhia das prostitutas, não mais poderás ser contada no coro das virgens.

IRENE

O preço da luxúria é o castigo; o da coação, o prêmio: não há pecado sem consentimento.

SISÍNIO

Em vão poupei, em vão me apiedeí desta menina!

SOLDADOS

Eu não disse? Não tem jeito de fazê-las adorar os deuses. Nem o terror as pode demover.

SISÍNIO

Chega de demoras!

SOLDADOS

Sim, senhor!

SISÍNIO

Tratai-a sem a menor misericórdia. Levai-a, com toda a cruzeza, à desonra do bordel.

IRENE

Eles não vão fazer isso.

SISÍNIO

Ah, é? E quem os vai impedir?

IRENE

Aquele que, com sua providência, governa o mundo.

SISÍNIO

Veremos!

IRENE

Veremos! Quando quiseres!

SISÍNIO

Soldados, não tenhais medo das ameaças desta blasfema.

SOLDADOS

Não só não temos medo, como estamos ansiosos por cumprir esta ordem...

CENA XIII

SISÍNIO

Quem são estes que se aproximam? Parecem os soldados a quem, há poucos instantes, entregamos Irene. É, são eles! Por que voltastes tão cedo? Por que estais ofegantes?

SOLDADOS

Queremos falar com o senhor.

SISÍNIO

Onde está a prisioneira?

SOLDADOS

No topo da montanha.

SISÍNIO

Bando de burros, idiotas, mentecaptos, incompetentes!

SOLDADOS

Por que o senhor nos acusa? Por que nos ameaça com palavras e com o semblante?

SISÍNIO

Que os deuses vos destruam!

SOLDADOS

Que mal fizemos? Que falta cometemos? Que ordem desobedecemos?

SISÍNIO

Eu não mandei levar aquela rebelde para o bordel?!

SOLDADOS

O senhor mandou. E a estávamos levando, quando vieram dois jovens desconhecidos, dizendo-se mandados pelo senhor e levaram Irene para o cimo da montanha.

SISÍNIO

Êpa, dessa eu não sabia.

SOLDADOS

Dá para ver.

SISÍNIO

Como eram eles?

SOLDADOS

Estavam vestidos de modo esplendoroso e tinham um aspecto que impunha veneração.

SISÍNIO

Vós os seguistes?

SOLDADOS

Seguimos.

SISÍNIO

O que eles fizeram?

SOLDADOS

Ficaram um à direita e o outro à esquerda de Irene e nos disseram para vir aqui, contar a ocorrência para o senhor.

SISÍNIO

Só há um jeito: montar o meu cavalo e procurar estes que estão fazendo troça de nós.

SOLDADOS

Apressemos-nos também.

CENA XIV

SISÍNIO

Ai, não sei já o que fazer. Estou enfeitiçado pelas bruxarias daquelas cristãs. Dou voltas e mais voltas na montanha, seguindo rastros e nem subo e nem acho o caminho de volta.

SOLDADOS

Todos nós estamos desorientados por algum feitiço e estamos extremamente fatigados. Não será melhor matá-la de vez antes de que morra o senhor e morramos nós?

SISÍNIO

Que um de vós retese um arco e arremesse uma flecha que mate aquela bruxa.

SOLDADOS

Isso mesmo, senhor!

IRENE

Sisínio, seu pobre coitado! Reconhece que foste vergonhosamente derrotado, pois não és capaz de enfrentar uma garotinha sem armamento.

SISÍNIO

Qualquer vergonha será tolerável quando tu tiveres morrido.

IRENE

Esta flecha para mim será causa de grande alegria; para ti, perdição. Por causa dela, tu serás levado ao inferno; eu receberei a palma do martírio e a coroa da virgindade; serei levada ao tálamo de meu Esposo, o eterno rei celestial, para Ele a glória pelos séculos dos séculos.

Recebido para publicação em 06-03-21; aceito em 08-04-21